



ILDEFONSO DE SAMBAÍBA

Nasceu na cidade de Grajaú (Maranhão) e reside em Brasília desde 1972. É Titular do grupo literário Academia de Letras de Taguatinga (Distrito Federal); Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo e Relações Públicas); pós-graduado em Literatura Brasileira (Universidade Católica de Brasília) e em Educação (Universidade Portucalense Infante D. Henrique – Portugal); mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia, do Rio Grande do Sul), com a dissertação "A Ética sob a Ótica da Poética Candanga"; doutor em Filosofia pelo programa Bircham University (UE), com a tese "Remo, Rima, Rumo: os três erres da filosofia do Homem de Samjahlia". Funcionário do Banco Central há mais de 30 anos, jornalista, poeta e ex-professor municipal. Na imprensa, teve militância em vários órgãos: funcionário da Imprensa Nacional (editoração do Diário da Justiça); Jornal dos Sports/RJ (repórter); jornalista responsável pelo *Escreba* (1998/2000), periódico do Sindicato dos Escritores; atualmente, publica no Jornal "Ciência e Cultura" a coluna "Ciência ponto Consciência". Integrou delegação brasileira que participou do "V Festival de Poesía y Arte de La Habana" (Cuba), em 2000. Verbete no Dicionário Biobibliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos, de Adrião Neto, Editora COMEPI, 1998; verbete no Catálogo da Coleção Especial do Escritor Brasileiro/2000, da Câmara Legislativa do Distrito Federal; verbete no Catálogo de Escritores Brasileiros/2001, da Fundação Cultural do Distrito Federal; verbete no Dicionário de Escritores Brasileiros/2003, 2ª. edição, de Napoleão Valadares.

Obra editada

Florescência, poesia, em edição comemorativa pelos 175 anos de fundação da Imprensa Nacional, Brasília, 1984; **Vida de Vidro**, poesia, Jotanesi Edições / RJ - 1994; **Quem matou as Gazelas?** (2ª edição), poesia, Fundo de Arte e Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, Brasília, 2002; **Buquê de Urtigas**, coletânea poética da obra do autor, editada pela Academia Taguatinguense de Letras e Projeto "O Livro na Mão", para a rede oficial de ensino do Distrito Federal/1999; participante em várias antologias, entre elas, II Antologia de Poetas Lusófonos, editada em Portugal, em 2009; **Brasília Vida em Poesia - 36 anos**, DF/1996 (org. de Ronaldo Mousinho), e três outras, bilingües (português/espanhol), **Espejos de la Palabra**/1999 e **Poesía de Brasil**/2000, editadas pelo *Proyecto Cultural Sur* (integra autores da América Latina); **Entresiglos – Selección de poesía de autores contemporâneos**, Bianchi Editores, Montevidéo (Uruguai), 2002.

Fortuna Crítica

"Se um **Buquê de Urtigas** não nos tirar do lugar, o que mais o fará? A poesia de Ildefonso Sambaíba é assim, tanto buquê quanto urtiga. Explico: a suavidade das palavras, das imagens, é uma pista-falsa. O poeta esbanja uma intensa consciência, por vezes amarga, na maior parte das vezes crítica, dos seus sentimentos, ou seja, dos sentimentos do eu-lírico."(**Sylvia Helena Cyntião** – doutora em teoria literária, pela Universidade de Brasília e chefe da revista *Universa*, da Universidade Católica de Brasília);

"**Buquê de Urtigas** é uma coletânea com 49 poemas, subdividida em três partes. Na primeira, há um lirismo construtivo do homem-cidadão, aquele que se fez identidade diante do espelho, sem ser Narciso. Na Segunda parte, homem e poeta, em linguagem essencialmente metalingüística, interpretam o mundo, dissecam dizeres e fazeres da poesia e da antipoesia de viver e de fazer versos. A terceira parte é o que se poderia dizer de constante migração: é o homem que veio à busca do poeta, deixou seu norte (Nordeste) e não consegue ficar distante dos seus sentimentos." (**José Ferreira Simões** – mestre em Educação, professor da Universidade Católica de Brasília e Presidente da Academia Taguatinguense de Letras/DF, escritor e poeta);

"A obra **Buquê de Urtigas** apresenta-se adequada para a clientela à qual se destina: estudantes do segundo grau. O autor utiliza-se de linguagem coloquial, recurso de grande importância para construir a formação do leitor... poemas permeados de grande musicalidade, rimas e recursos estilísticos, capazes de atrair, encantar, enfim, seduzir o leitor." (**Renata Rodrigues Freire** - Representante da Fundação Educacional do Distrito Federal, na comissão de seleção de obras para o Projeto "O Livro na Mão");

"A poesia é seu reino. Continue a ser-lhe fiel. Gostei de lê-lo, em **Vida de Vidro**."(**Antônio Carlos Villaça** - escritor e membro Academia Brasileira de Filosofia - Rio de Janeiro).

"Foi com grande satisfação que recebi **Vida de Vidro** e constato que a produção cultural maranhense se manifesta em diversas partes do país. E o que é mais importante, com qualidade." (**Fernando Bicudo** - Teatrólogo, presidente do Centro Cultural Ópera Brasil, e do Teatro Artur Azevedo - S. Luis);

"**Vida de Vidro** descreve a trajetória poética e pessoal de um autor que alia a compreensão do mundo à preocupação com a forma... Em versos bem construídos são impressas reflexões, crenças, reminiscências e utopias. O conjunto reforça a tese de que a poesia é e será sempre necessária." (**Zuleica Porto** – Jornalista, resenhista e cineasta - Brasília).

"Em **Florescência** temos uma poesia que nos traz a personalidade do poeta, ambivalente... Uma poesia nativa de raízes distantes – o velho interior do Maranhão; uma poesia solitária, que brota dos cerrados de Brasília; um jogo de palavras, de sentimentos e realidades." (**Manoel Antônio Barroso** – Jornalista, articulista e crítico literário e resenhista - Brasília).

Prece IdS

Ó Mestre,

És luz que manobra mentes rumo à compreensão do mundo
Gratidão plena por excluir-me de sofrimentos maiores
Torna-me forte e abranda meu coração!

Amém.

Poemas de Ildefonso de Sambaíba

Vida de Vidro

(aos frutos incertos
do futuro... juro!)

Quando nos vem tal a espinhos
cravados entre a carne e a unha,
doída;
Doma lobos que habitam fendas,
entre as pedras, entre as lapas,
lapida.

Ainda que farta e desimpedida,
há uma pergunta a ser res-
pondida:

Onde foste, ó doce encanto
um dia profícuo e encantador?
Que se retraia meu espanto
atormentador!

“Si dar” é adaptar-se
ao tempo, incontinente,
que não aprendeu retornar ...

... acepções cujas deveriam
não constar em gramática.
Vida enigmática:

Vidraça!

*** *** ***

A flor de káktos

Quando de mim
nenhuma palavra, sequer, nascer
estarei mudo?

Quando de vós
nenhuma idéia, sequer, verter
cessara tudo?

- É inútil pensar
que nada mais restará
a não ser partir e calar

Então vinde, ó vozes,
ao permanente encontro
com os caminhos da luta!

Em campo raso
não há palco, nem cenário
Somos nós em nosso plenário

Em território neutro
não deve haver ressentimento
Somos nós em nosso parlamento

Aqui nada pode ser negado
Somos condutores da verdade
tragada em palavras límpidas
como flor em galho sem folhas

(a flor de *káktos*)

E ninguém
se renderá ao fracasso

Quanto a mim
só quero um destino:

ser feliz!

*** **

Quem matou as gazelas?

Deixem-me exaltar as formosuras
e nada mais pedirei
até que a próxima noite envelheça
e um novo dia amanheça

Vêm-me lembranças
das moçoilas em perfil escultural
convidando-nos a compartilhar da ceia

Vejo o arco-íris
pendente, debruçado acima dos cumes
Místico facho...
faixa multi que me encandeia!

Ai! Agora há confronto:
Gazelas deterioradas exalam
retalhadas sobre o capim da savana
(lidam com as brutas leis das selvas)

Qual das três cenas
pode o artista fazer não constar
na aquarela que irá para moldura?
(desenhará fugas, ausências e relvas)

Omitir é uma forma de mentir
Quais os critérios de sutilezas
para reconstrução de belezas?

Meditativos nos alpendres
queiramos prever

só risos.

*** **

Flagraste minha alma em repouso

Tanto quanto Johannes Vermeer
inspirou-se nas belezas de *Delft*
Além mais do que Marcel Proust
encantou-se com "Vista de *Delft*"
impressionei-me por ti

– Quando Atos Institucionais
eram as leis válidas no País
No *campus* fervilhavam filhos
Nos campos guerrilhavam pais

Sob rescaldos daquela fogueira
o ataque da águia rasteira
sobre a presa indefesa

(flagraste minha alma em repouso)

Impassível, tornei-me cativo
das tuas aparentes ausências
de estética, de poética...
diabrete!

Dezoito anos após
encontro desculpas
que tanto buscava:

eu te amava!

*** **

Se prometi menti

Citaríamos a situação
Estávamos tu e eu
 numa colônia
 num coliseu

Espalhei
nos quatro cantos
superstições
Ofereci bons atos
em orações:

Grutas de chamas
pular
Muros farpados
polir

prometi?

*** **

Lavradores dos Sentimentos

Têm os artistas
mais luz nas vistas
ou são apenas artistas?

– Dragam dos mares
dragões dos males
Malabaristas?

Além, nos lares
têm sonhos altos
Alpinistas?

Na paz do ócio
são poetas
Lavradores
dos sentimentos

No equinócio
semiprofetos
Trabalhadores
dos pensamentos

São alquimistas?
São simplesmente
artistas.

*** **

Sarah-Cura

(à hospitalidade)

Campos de Goytacazes,
 óleo de pedra dura
Campos de Jordão
fonte de água pura

Sarah: oficina de cura

Campos da Paz
Campos Formosos
(campos belicosos)

Cantai
com total candura:
Germinam roseirais
a semente está

madura!

*** **

Outono de cedro

Flores
exalam e expiram
de forma poética

Frutos
recém-madurecem
de forma patética

No outono da vida
homem é fruta ma-
dura...

dura dialética!

*** **

O "z" da questão

Mariete
esbarrou
na muralha da incredulidade
Dizia ser atéia

Marizete
embarcou
na enxurrada do total fanatismo
Seguia meio à toa

Marionette
equilibrou-se
na eqüidistância daqueles extremos
Fingia como um'atriz

Para vossas mercês,
com "z" maiúsculo:

nota 0,3.

*** **

Caem tábuas do palanque

Fale-se tudo
antes que as tábuas do palanque
comecem ranger e ameacem ruir

- Fica-se mudo
se o último confidente
razões tem para se despedir

...se todos os recados
já se fizeram transmitir

...se nenhum auditório
quer-nos outra vez ouvir

O grito há de ser profundo
quando políglotas
diálogos em nosso dialeto
se recusam a traduzir

Afonia é tormento
Elaboremos o unguento:
clamar, clamar, clamar

pra curar e ungir.

*** **

Anéis de Saturno

(Embriaguez)

No primeiro trago
zero, nadinha
percebi

O segundo trago
foi o primeiro
que repeti

Nos tragos terceiros
os anéis de Saturno
reconstituí

E os demais tragos?
Moldaram estragos
e nem os vi

Pouco sobrou:
 amparar
 reparar
ré!

*** *** ***

O tom da toada

A melhor escola é o mundo
Repleto de sabedorias,
 ápice das utopias

Competências de fada
Demonstra
o tom da toada

Compassos do fado
Repete
e haja tablado!

Tanto ensina
Tanto ensina
Tanto ensina

que se aprende
ou se desatina

tonto.

*** *** ***

Maria Pia

Quisera

ser boa companhia
para as pessoas dignas

de piedade

Quisera
ter companhia
de pessoas dignas

e pias.

*** *** ***

C.O.M.

O mundo
é como nós
incompleto

O mundo
é comigo
complexo

Confuso
para... fuso!

*** *** ***

Dói

Há dor na alma:
A dor do corpo
Dores distantes
Dores vizinhas

 ...talvez
nem fossem minhas
não fosse eu pó...

poeta.

*** *** ***

Fiel

Agüentar até a final
Ver a última cena
Contar a história

total

Testemunha fiel
não balança

pesa.

*** **

Tête-à-tête

Ao olhar a claridade,
todos franzem a testa

Nas mesmas caras
mesmas caretas

Às mesmas mulas
mesmas muletas

em seus andares

Homens
são iguarias iguais.

*** **

Eva

Caçar em um cassino
sobras do destino
Perseguir, peregrino,
sombras do assassino

Trafegamos trôpegos
para rumos incertos
- Bando bandido!

Mar-Morto
nave navegar
Aborto
Eva evitar

Vida!

*** **

Sonora Catástrofe

Guardaram armas
nos armários
Um mau hábito

Mencionam mentiras
com palavras ricas
de mau hálito

Agora chega:
Daí pra cá, nenhum passo!
Obediência e sapiência

O chão mesmo
donde brotam hortaliças
consome todas as carniças

Goteja!

*** **

Nas terras dos marabás

O *Rift-Valley* e sua tradição:
africanos masais
bebem leite com sangue
e bocejam à sombra dos baobás

Vales brasis: tramita a traição
e bravos braçais
derramam suor e sangue,
a bala, nas terras dos marabás

Ó, alminha etérea!
Flutuavas entre os astros
Bailavas em altíssimos astrais

Suponho, foste sugada
(displicentemente atraída)
Vieste morar em estes murais

Não chores a cântaros
Tudo é passageiro

Verás!

*** **

Grito Iinfinito

Vaza bÍlis
nos calcanhares-de-aquilis

□ A pobreria caótica
faminta degusta
sopa-de-pedra
Oxalá cuscuz!

À minoria exótica
voraz e robusta
cálices tintos até
filé de avestruz

Excêntricas
formas de alimento
Homólogas
fôrmas de excremento

...igualmente

jorra *faeces*
(jarra de pus)
pelos respectivos

cuuus ...

*** **

Nos intervalos são cavalos

A solidão mora na cidade
Vizinha à perversidade
Gera comportamento
de pedra e cimento

A léguas
soltos nos cipoais
semitonam livres os urus

Aqui, logo aqui
nas portinholas frontais
blasfemam eremitas hindus

a marra, o murro
a barra, o burro
a fera, o urro
os homens:

pa-ca-trá pa-ca-trá pa-ca-trá.

*** **

Língua de faca

Caídas pálpebras, ardentes olhos
Vegos demais de ver-te sempre
escoando por cada narina:
Da esquerda sai veneno
na direita entra morfina

Peçonha com dorsal quebrado
Mui mal consegue arrastar-se
Ainda assim agride e ataca
 Tem no bote uma foice
 e na língua uma faca

Mais nociva que saliva
de jararaca.

*** **

Ato Inexato

Rasgam-se as cortinas,
ei-los: Pilares sem calços
sustentam sorrisos falsos

— Vísceras
de indiscretos senhores
Repositório de caras más

Carcaças
de imperfeitos atores
Repertório de máscaras

No anverso dos panos
urdem sôfrega aliança
de disfarces e enganos

...poupem-me!

*** **

Coração de jabuti

No bojo de todo este fole
sacolejam em ampla folia
E a novidade que bole
 provoca só embolia

Embaixo de cada tapete
há bafo de hipocrisia
(abaixo deste topete)

Interrogas: E daí?
Vozes te interrompem:

Coração de jabuti!

*** **

Tulipas Negras

Colher tulipas negras
em chãos de pedras
raras

Sorrir contidamente
Temos dentaduras
ralas

À direita volver
À esquerda volver
Em qualquer direção

Crianças...
às traças
Criadas nas praças

Vem ver!

*** **

Prazeres da carne

Em psicofera influída
másculos e fêmeas
se embrenham

Sob declamação gemida
aos pares se deitam
e se emprenham

Esparrama-se o odor
das carnes fritando
no fogo do desejo:

sexo! sexo! sexo!
cegos ...

e razão vira cacós.

*** **

O assunto assusta

Na sunga
o sangue
Sinal de vingança

O tango

A tanga
Mesquinha dança

O fumo
A fama
Vício, ganância

– O lucro
ou o sepulcro:
um dois três

já!

*** **

Macia Maçã

Leiamos anais de uma história
de conquistas, de abandonos:

– Eram dois corações
Peças avulsas, sem donos

Se conhecem no *shopping*
(afagos, beijos, *drinks*)
Se amam no *drive-in*

Proliferam dois, três rebentos
E enquanto felizes
permitem, desatentos

Da serpente sagaz
em missão sem paz
a sedução fatal: a fatia
da saborosa maçã-macia

Montanhas de mágoas
invadem frondoso pomar
Mútuas máculas
profanam paradisíaco lar

Mas enfim
a torre é de marfim

E mantêm-se feitos planos
pra duas velhices de afetos
a celebrar os lindos anos
junto à platéia de netos...

*** **

Sussurro das paixões

Correspondidas
favorecem à procriação

– Fã atrevido

Se enrustidas
estimulam a criação
fantasiosa

– É o sussurro
das paixões

sêmen das demências
gene dos gênios

ou ...

*** **

O grande abraço

Américas, mares, eurásias,
antártidas, oceanos, áfricas
Abraçados sem qualquer cerimônia
se agarram sob o Sol a pino
se esfregam, fazem amores

...plenos

Exibem paixões imantadas
Machos e fêmeas grudados
num feixe único

Os refluxos nas praias
produzem gemidos
Os reflexos dos raios
se fundem – fluidos!

Edifiquemos esta química
que faz surgir

vidas.

*** **

Os lírios lilases

Ainda que me embriagues
com acérrimos licores
de todos os barris

Não me convencerás
com estas poses

cruéis e viris

Ainda que me enxágües
com as frescas águas
de todos os cantis

a intuição vem e diz:

Nada é igual à suavidade
que deu Margaret Mee
aos desenhos lilases
de suas flores-de-

lis.

*** **

Pam (pãrãrã) pam-pam

Tua presença traz terremotos
ao pobre anjo que me guarda
E incontida vontade de fugir me atrai

Só um pecado-mortal
arderá com tal lampejo
no momento em que trêmulo te vejo

Mas te digo:

As *vitrines* que vês
As páginas que lêes
e o quadro na parede
se deixam violar por teus olhares

Eu jamais!

Oculto minha paixão adúltera
e ela continua... ..

intacta.